

BIBLIOTECA DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIREÇÃO:
Alfredo Bosi
(da Universidade de São Paulo)

Série 1ª — ESTUDOS BRASILEIROS
Volume 1

ECLÉA BOSI

(da Universidade de São Paulo)

Handwritten signature: Ecléa Bosi
(da Universidade de São Paulo)

MEMÓRIA E SOCIEDADE

lembranças de velhos

A relação dos livros
publicados nesta coleção
encontra-se no fim deste volume.

T. A. QUEIROZ, EDITOR
EDITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
São Paulo

Handwritten mark: WCA

Capa de

DULCE SOARES

(retrato de D. Emma Strambi Fren-
derico, por Maureen Brissliant)

1ª edição — 1973

1ª reimpressão — 1983

2ª edição — 1987

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(*Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil*)

Bosi, Edla.

B735m

Memória e sociedade: lembranças de velhos/Edla
Bosi. -- 2. ed. -- São Paulo: T. A. Queiroz Editora
da Universidade de São Paulo, 1987.

(Biblioteca de letras e ciên-
cias humanas. Série 1., Estudos brasileiros: v. 1)

Bibliografia.

ISBN 35-83008-66-0

1. Memória — Aspectos sociais 2. Psicologia social
I. Título. II. Série.

87-1057

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Memória: Aspectos sociais: Psicologia social 302
2. Memória e sociedade: Psicologia social 302

Proibida a reprodução, mes-
mo parcial, e por qualquer
processo, sem autorização
expressa dos editores.

Direitos reservados

T. A. QUEIROZ, EDITOR, LTDA.
Rua Joaquim Floriano, 733 — 9.º
04534 — São Paulo, SP

1987

Impresso no Brasil

A memória de

MAURICE HALBWACHS,

professor de Psicologia Social
do Collège de France,
morto no Campo de Buchenwald em 1945,
no centenário de seu nascimento.

1877—1977

as que acham que hoje é muito antigo. Quem viver até lá vai saber. Lem que se dar aos velhos o amor que eles nos dão quando a gente é pequena.

Rezo na oração da manhã:

— *Senhor, no silêncio dessa prece*

venho pedir-Te a paz, a sabedoria e a força

Quero sempre olhar o mundo com olhos cheios de amor

Quero ser paciente, compreensiva e prudente.

Nos tempos de pobreza, quando eu estava enfasiada, minha mãe dizia: “— Você não vai comer? Come que te dou um tostão!”

Antes de terminar quero agradecer: à minha mãe... à família de Carlos Cirillo, onde minha mãe trabalhou... Ida Malavoglia... às minhas companheiras de trabalho por essas oficinas onde passei, desde pequena. Talvez não existam mais essas pessoas, mas que recebam onde elas estiverem o meu agradecimento, o meu carinho. Quero agradecer a Senhora que me oferecia a janta quando eu fazia horas extraordinárias à noite; todo esse amor de pessoas que não me conheciam, por onde eu passei.

Quem diria que um dia eu ia abrir o livro de minha vida e contar tudo? E agradeço por isso: é bom a gente lembrar. Deus te abençoe.

Lembranças do Sr. Amadeu

Nasci no Brás, Rua Carlos Garcia, 26, no dia 30 de novembro de 1906. Meus pais vieram da Itália: meu pai era toscano e minha mãe era vêneta. Meu pai era alfate e minha mãe costureira. Vieram no tempo da emigração mas não eram emigrantes; vieram para tentar a vida aqui no Brasil, já casados na Itália.

O primeiro filho nasceu aqui em São Paulo e faleceu com meses de vida. Veio o segundo filho, Alfredo Bovi, e mais cinco filhos: Afílio, Artur, Anita, Alda e Amadeu Bovi, seis filhos. Fui o caçula. Minha mãe morou cinquenta anos na casa onde nasci, na Rua Carlos Garcia. Essa Rua Carlos Garcia é nas imediações do comércio de cereais, no Brás, perto da Santa Rosa, Benjamin de Oliveira, Cantareira...

Meu pai, quando chegou em São Paulo, já tinha profissão e foi trabalhar como alfate. Naquele tempo o dinheiro era pouco e a roupa barata; o artesanato ganhava muito pouco. Naquele tempo os homens usavam o terno completo: meu pai fazia o paletó e o colete, minha mãe fazia a calça. Meu pai trabalhava quatorze, quinze horas por dia; faleceu em 1925 de uma úlcera no estômago.

Minha mãe era franzina, miúda, clara, cabelos pretos, olhos castanhos. Era muito calma, tinha muito sentimento. Fazia questão de pôr pano quente quando os irmãos se zangavam um com o outro. Minha mãe gostava muito de ir ao cinema. Toda segunda-feira a família saía junto para assistir um filme. Minha mãe contava umas histórias muito bonitas para eu dormir. Lembro ainda uma que ela contava sempre: “A Árvore de Ouro”. Era a história de um pai que era cego e o filho saiu à procura de uma árvore de ouro, de folhas que curavam a vista. Era muito sacrifício, precisava atravessar um lago enorme com uma infinidade de perigos. Mas como era para o pai, ele foi e voltou com as folhas que tinham um líquido: ele passou

nos olhos do pai que recuperou a vista. A história é mais comprida, nesse momento me escapa a memória. Depois da morte de meu pai ela não trabalhou mais para fora, só em casa. Ela fazia todo o serviço da casa. Cozinhou até a morte. Enfraqueceu no finzinho da vida. Morreu com setenta e seis anos, mas não ficou inválida. Ficou doente de desgaste, muitos filhos, muito trabalho.

Meus irmãos eram muito bons: o orientador da família sempre foi o irmão mais velho, o Alfredo Bovi. Das crianças que eu conheci, os pais eram todos gente boa. Mas naquele tempo bebiam muito: o vinho italiano custava 200 réis o litro. E, naturalmente, quando uma criança se portava mal, os pais castigavam. Na vizinhança, os casais se queriam muito bem, a família era mais unida, as crianças tinham mais amor aos pais, avós, tios... Os pais tratavam os filhos muito bem, havia mais amor que hoje.

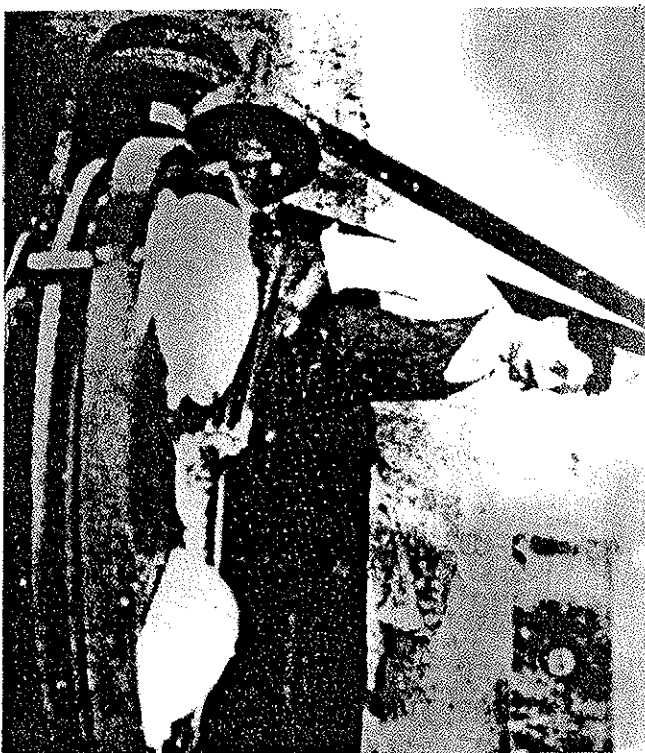
Naquele tempo, as esposas tinham pouca vez, não é como hoje, os homens eram mais severos e quem mandava mesmo era o pai. Meu pai tinha sua turma, gostava mais do vinhozinho, mas minha mãe era muito atenciosa com os filhos, contava histórias para a gente dormir...

Nesse tempo não existia luz elétrica na rua, só lâmpões de querosene. Em casa também, os lâmpões eram pendurados na sala, no quintal e na cozinha. Só quando eu tinha dez anos é que veio a luz elétrica, por volta de uns sessenta anos atrás.

A casa dava para a rua, mas tinha quintal; lembro da sala, dos dormitórios... Na frente da casa passavam os vendedores de castanha, cantarolando. E o *pizzaio* com latas enormes, que era muito engraçado e vendia o produto dele cantando. As crianças iam atrás. A rua não tinha calçada. Elas ficavam à vontade naquelas ruas antigas. Eram ruas de lazer, porque não tinham movimento, e crianças tinha demais. Em São Paulo, nos terrenos baldios grandes, sempre se faziam parques para a meninada. Meus irmãos jogavam juntos futebol na rua. Tínhamos um clube, formado por nós, chamado Carlos Garcia.

Tenho meu cunhado, o Vito, irmão da patroa, que tem minha idade e nós éramos já amigos nesse tempo. Ele mora na Vila Santa Maria mas está sempre em casa. Tenho outro amigo daquele tempo, o campeão brasileiro de pingue-pongue, Rafael Morales.

Havia, no Brás, uma festa de rua, a de São Vito Mártir. Iluminavam a Rua do Gasômetro, a Santa Rosa, a Assunção, imediações da igreja. Armavam palanques para um concurso de bandas que vinham do interior, de Campinas, Jundiaí... Davam prêmios até em libras esterlinas para os músicos (naquele tempo, uma libra esterlina valia 8 mil-réis). Os fogos de artifício eram uma coisa



"Sonho às vezes que estou trabalhando na oficina porque fiquei quarenta e quatro anos nessa oficina, sempre desde menino, na infância, na mocidade e numa parte da velhice. Essa oficina não me sai do pensamento."



Meu patrão.



1917 (no estandarte do fundo está escrito: *Salve il 1° Maggio*. No fundo, à direita, o jovem Amadeu abraça seu irmão). Os operários do Brás festejavam o 1° de Maio, as famílias se reuniam, havia baile na grama, cantavam, brincavam.

extraordinária. No fim da festa tinha um bombardeio que estre-mecia todas as vidraças do centro da cidade. Essas bombas, chamadas morteiros, eram enterradas e soltas de baixo da terra. Alcançavam uma altitude de trezentos metros, era tão forte quando explodia que quebrava os vidros dos prédios. Comia-se *ghimirella*, carne de carneiro tostada, e *pizza* bem mais gostosa que a de hoje. Era uma festa de bareses, puglianeses, napolitanos, todos da Baixa Itália.

A imagem de São Vito ficava na igreja na Rua do Lucas, que ainda existe. Depois a imagem dava a volta no bairro, carregada por oito pessoas. Pra carregar, leioavam a preferência, cada um pagava uma quota. Uma vez o conde Francisco Matarazzo carregou a imagem e contribuiu com uma nota grande. Hoje, ainda festejam São Vito, em ponto pequeno, com umas barrquinhas perto da igreja. Mas terminou quando começaram a asfaltar as ruas, asfaltaram a Santa Rosa, a Benjamin de Oliveira, veio esse progresso, então terminou a festa monumental em que o povo ocupava todas as ruas. Ainda existe a igrejainha de São Vito, São Cosmo e São Damiano. No dia de São Cosmo ainda soltam aquela bateria para recordar o tempo das festas grandes.

Perto de minha casa, vinham duas, três vezes por semana, os "mata-mosquitos", fardados de amarelo e com bonezinho. Vinham com bombas extintoras matar mosquitos nos quintais, poças de água, no mato, aquele bairro era quase todo mato.

Quando eu era criança, na Rua Carlos Garcia, precisávamos fugir de casa quase todo mês, um ou dois dias. O rio Tamanduateí enchia fácil, era muito estreito. Uma vez nós saímos de casa, eu tinha uns quinze anos, e fomos dormir três dias numa casa de amigos, no Alto do Cambuci. A água estava já a um metro e vinte do chão. Me lembro que mais de cinquenta vezes saímos de manhã e voltamos só de noite. No Cambuci, a enchente era uma brincadeira, davam conhaque e caipirinha pros bombeiros, as famílias ficavam amigas dos bombeiros.

O dia que meus pais mais estimavam era o Natal, que se festejava à moda italiana. Era o dia que na casa de italianos não faltava nada. A árvore de Natal e o presépio eram uma tradição de todos os anos. A ceia era na véspera e o almoço no dia. Ainda comemoramos, minha esposa, minhas filhas, meus netos, como quando eu era menino, no Natal de meus pais. Minha esposa faz os doces da tradição: a *pezza dolci*, ou peça doce, que é um panetone.

Na meninice, mocidade, na velhice a minha religião sempre foi uma: fui católico. Fiz a primeira comunhão com os padres beneditinos na Igreja de São Bento. Os padres fizeram uma festa numa chácara que tinham em Santana. Essa igreja, protegia os vendedores de jornal que tinham a sede no Anhangabaú. Quando eles faziam a primeira comunhão eram todos convidados também para essa festa no Alto de Santana que hoje é Mandaguí, Chora Menino. Era uma fazenda enorme: a festa era bonita, tinha de tudo, os padres eram muito bons.

Fui muito feliz na infância, porque, já aos nove anos, tinha muito juízo e fazia aquilo que achava certo. Meu irmão Alfredo Bovi me ajudava muito, isso para mim foi uma ótima felicidade. O orientador da família sempre foi o irmão mais velho. Com onze, doze anos, jogava pingue-pongue toda noite num clube perto de casa: lá militou o menino Rafael Morales, campeão brasileiro, internacional.

Desde pequeno gostava de teatros, operetas, o teatro sempre foi minha maior paixão. Era o Teatro Cassino Antártica, o Boa Vista, o Santana. E o circo. O circo hoje tem mais luxo, mas o circo daquele tempo era o verdadeiro circo onde existia Chicharrão, Pílim, Irmão Queirolo que faziam a "ponte humana", o maior espetáculo que tinha aqui em São Paulo. Era um circo extraordinário: os Irmãos Queirolo, era o verdadeiro circo dos que trabalhavam pra comer. Serravam as mulheres pelo meio, faziam água virar vinho, desaparecer as carteiras dos bolsos...

Todo ano, a oficina organizava um piquenique na praia do Gonzaga: lembro a primeira vez que vi o mar, com doze anos. Meu irmão Alfredo Bovi tinha um *Jazz Band*, o "Grupo Excêntrico", com oito ou dez músicos. Eles promoviam passeios, piqueniques em Santos, no Parque Antártica, onde hoje o Palmeiras joga. Convitavam todos os vizinhos, famosos cem, cento e vinte pessoas. Lá em Santos alugávamos um salão; depois do banho de mar, eles tocavam, começava a brincadeira. Iamos num trem que saía da Estação da Luz e levava de três a quatro horas para nos levar. Penso que ninguém mais está vivo, isso foi há mais de cinquenta anos, não tenho lembrança se existe alguém ainda.

Quando eu tinha oito anos veio a guerra, que começou no 14 e terminou no 18. Com a guerra veio muita miséria, nós passamos muito mal aqui em São Paulo. Lembro, na Rua Américo Brasileiro, da Companhia Mecânica Importadora que ajudou muitos desses que não tinham possibilidade de aquisição: um porque o pai foi pra guerra, outros porque tinham dificuldade de encontrar trabalho. Na hora do almoço e na hora da janta ela dava uma sopa para famílias do Brás, da Moóca, do Pari, da classe menos favorecida pela sorte. Com meus dez, onze anos, a miséria era muito grande

aqui em São Paulo. Meus irmãos e eu íamos com um caldeirão e eles enchiam o caldeirão de sopa e davam um pão. Em 1917, no finalzinho da guerra, veio uma miséria extrema.

Lembro muito da gripe espanhola porque fiquei bem ruim. Todos, menos o Alfredo, pegaram a gripe na minha casa. Foi dado esse nome porque nesse tempo vinham muitos espanhóis para cá e logo depois veio a gripe. Lira tanta gente que morria que não havia possibilidade de atender a todos. Quem tinha caminhão se prontificava a carregar os mortos até o lugar indicado pela Santa Casa. São Paulo não tinha o preparo de hoje, não tinha injeções. Foi uma gripe tão agressiva que já não davam conta de fazer remédios. Só limão. Numa certa hora acabaram também os limões em São Paulo. Eu comia muito pouco, só tomava água com limão. Eu cheguei a ver meu caixão. O médico disse que a gripe tinha três tempos: fraco, forte, mata. Eu tinha pegado a forte. "Precisa tomar um pouco de ar" e me puseram numa cama perto da janela, onde eu ficava o dia todo, olhando a rua e tomando ar. Foi então que vi passar no céu uma calcéia. Era um carro bonito com seis ou oito cavalos, todos brancos. Vi como se fosse uma coisa natural. Virei para minha mãe e disse: "— Olhem que carro de morto bonito está passando no céu com seis cavalos!" Então uma vizinha que estava lá me deu uma bofetada, e chamaram o médico. Me lembro, como se fosse hoje, da calcéia. Tinha doze anos e estava perto da morte.

Uma lembrança que nunca me sai do pensamento é a revolução de 1924, do Izidoro Dias Lopes e General Klínger. Essa revolução marcou época, precisamos fugir porque as balas já estavam chegando em minha casa. Fomos para Itaipu, um pequeno lugar de Campinas; lá ficamos um mês até terminar a revolução, que foi vencida pelos legalistas. Nesse tempo, quem estava brigando eram os legalistas e os soldados do governo. Tinha dezessete anos. A família de minha esposa, que eram nossos vizinhos, também precisaram fugir.

Esses parentes de Itaipu vinham sempre se hospedar em casa e encomendar roupas para o pessoal da fazenda deles; chamavam-se os Barrabés. Eram amigos, se tornaram da família pela grande amizade.

Depois da primeira guerra... não, depois da revolução de 24, o povo assaltou o Mercado Municipal. O povo em geral. Eles saquearam não foi só o Mercado mas os armazéns de bairro. Lá na Moóca. No Mercado Municipal tiraram tudo, até balanças e caixas registradoras. Na Companhia do Matarazzo levaram todos os sacos de farinha do depósito. Quando terminou a revolução, os soldados

não tinham condição de controlar o povo. Assaltaram, saquearam, fizeram de tudo. Foi geral, São Paulo inteiro, e durou quatro ou cinco dias. O roubo deles punham. O saque, não, eles entendiam que era uma coisa da fome, não consideravam um crime, consideravam uma necessidade.

As escolas eram poucas, a maior parte das crianças tinha pouco estudo. Não podiam ter a educação de hoje. No Brás, tinha a Escola Regina Margherita que alfabetizava em italiano, a escola onde Alfredo Bovi estudou. Eu aprendi a ler no Grupo Escolar do Carmo, com Dona Leocádia Chaves. Fui levado por meu pai, no primeiro dia de aula, que me apresentou a Dona Leocádia; não fiquei com receio de entrar, mas não via a hora de sair. Aos poucos fui me acostumando e gostando. A escola era onde está hoje a Igreja do Carmo, onde estão fazendo o metrô, era ali no fim da Avenida Rangel Pestana, perto da Praça Clóvis. O edifício foi derrubado. Ainda encontro algum colega daquele tempo, eles me reconhecem, mas não lembro o nome deles.

O primário era como o de hoje, mas mais puxado. Quase todo mundo repetia no segundo ano. Quando a professora tinha confiança com o Diretor, ela me escolhia para tomar conta da sala. Quando ela saía, eu precisava reagir quando começavam as brincadeiras. Isso não é uma boa lembrança porque muitos me esperavam na rua para brigar.

Era difícil a aquisição de livros e às vezes a professora nos trazia algum para ler. As professoras, o Diretor, eram gente boa; quando o menino era malcriado ia para a sala do Diretor que era severo e podia expulsar. Eu gostava muito da escola: a maior parte dos meninos eram de família pobre e quando havia alguma festa as professoras providenciavam a roupa para as crianças.

Meus irmãos mais velhos estudaram na Regina Margherita. Minha irmã mais velha, a Anita, estudou até o diploma, e depois foi costureira. Ela me ajudava a fazer as lições. Naquele tempo, quem tirava o diploma do quarto ano já não ia mais na escola, era o fim. Alfredo, meu irmão mais velho, era violinista e ele conseguiu me ensinar um ano de violino. Mas não tinha vocação para a música e desisti.

Ganhei um prêmio certa vez na corrida do circuito do Brás, que era a corrida anual que se fazia antes da São Silvestre. Corri seis mil metros do Brás à Moóca e vice-versa. Nesse tempo o campeão era o Alfredo Biasi, que depois foi campeão da São Silvestre.

Os vizinhos daquele tempo já mudaram todos de lá: havia uma boa parte de italianos, portugueses, espanhóis. Chegou o pro-

gresso e as famílias mudaram. Nossa casa foi derrubada para dar passagem aos ônibus da Água Rasa que vão para o Largo do Paíсандu. Com essa abertura a ruazinha ficou pela metade, toda de armazéns de cereais e casas de negócios.

Quando eu era pequeno só havia sobrados na cidade. Para ir até o centro era preciso atravessar um matagal, que hoje é o Parque D. Pedro, onde está o Palácio 9 de Julho; e atravessar o rio Tamanduaí, era um lugar lamacento, perigoso. Eu vi a inauguração do Palácio: estavam presentes os maiores industriais: Matarazzo, Penleado, Crespi, Gamba, que colocaram num poço valores: ouro, prata, dinheiro. Cada industrial colocou ouro e prata no poço, e dinheiro também. Usavam fazer isso como incentivo para a grande obra. O governador também, não sei se Carlos de Campos. Cada um pôs uma pazinha de cimento. Agora é Palácio 9 de Julho, naquela época era o Palácio das Exposições. A primeira peça que mostraram ali foi uma geladeira importada, isso quando eu tinha uns doze anos, depois da gripe espanhola. Antes, o lugar era o nosso campo de futebol, de um clube chamado Torino. Meu pai vinha me buscar com o cinto porque não queria que eu jogasse futebol. Eu era pequeno e o quadro era de adultos. Existia o Amíagens, existia o Torino. Eram molecotes.

Na minha infância o bairro fino mesmo era a Avenida Paulista, Avenida Angélica e imediações. Higiênópolis nesse tempo ainda não era.

Pra esse lado do Brás, Cambuci, Belenzinho, Moóca, Pari, aqui tudo era uma pobreza, ruas sem calçadas, casas antigas, bairros pobres, bem pobres. A iluminação era a lâmpado de querosene. Lembro quando em minha casa puseram um bico de luz, foi o primeiro bico que puseram naquela rua, não lembro exatamente o tempo, faz uns cinquenta anos. Era mocinho. Punham um bico só porque a luz era muito cara, mais de 200 réis por mês. Com o tempo punha-se um bico na cozinha, no quarto, no quintal e assim por diante. Mas era usada como uma luz bem econômica porque não dava para pagar no fim do mês.

Bonde a burro lembro pouco, lembro apenas de alguns. Lembro mais do bonde aberto, tipo jardineira, à electricidade. Tinha o bonde e tinha o "caradura" que levava os operários. Não lembro quando começou o bonde elétrico, faz uns quarenta e cinco anos.

Naquela época, houve o crime da mala: um marido esgan-tejou a esposa e fechou na mala. Quando ele foi viajar revisaram a mala e encontraram a mulher esgaratejada. Isso eu li no jornal, não vi.

E havia o ladrão mais famoso do Brasil, o Meneghetti, talvez internacional. Lembro o primeiro roubo dele, quando ele escalou

diversas casas aqui em São Paulo: a especialidade dele era jóias. Mas não era criminoso, depois a história modificou a vida dele, pelo que nós lemos e ouvimos, era até um ladrão muito bonzinho, diz que ajudava os pobres.

Quando entrei na fábrica ganhava 500 réis por dia, então era menino e não era responsável pela casa. Só fiquei responsável quando casei. Antes de casar eu ganhava e entregava tudo lá em casa e dava para viver. Meus irmãos trabalhavam e, infelizmente, quando nós éramos em quatro irmãos, um morreu muito cedo, com vinte e seis anos. Fiquei com dois irmãos e duas irmãs.

Minhas irmãs eram costureiras, ganhavam pouco: o dinheiro, naquele tempo, era muito curto. A Anita trabalhava na oficina de Dona Teresa. A Alda trabalhava um pouco em casa, mas casou cedo e não trabalhou mais para fora. Um irmão era gravador, outro, o Afílio, era litógrafo.

Minha mãe tinha mais interesse pelo Arturo, ela sempre pendeu mais para o lado dele porque ele sofria do coração. O Arturo ficou muito tempo na cama. Era tipógrafo, lidava com tintas e com o tempo ficou sofrendo do coração. Ficou um par de anos na cama, com poucos recursos e morreu muito cedo.

Comecei a trabalhar com nove anos numa oficina de gravura que ainda existe: Masucci, Petracco e Nicoli. Hoje quem dirige a fábrica é o Mário Nicoli, filho de um dos sócios que não existe mais. Meu irmão Alfredo, que já trabalhava lá, me encaminhou: era estamparia, gravuras, fundição de placa de bronze... Nessa fábrica foi a minha infância, mocidade e uma boa parte da velhice. Saí de lá com cinqüenta e cinco anos de trabalho, aposentado. Quando entrei, ganhava 500 réis por dia, 15 mil-réis por mês; trabalhava das sete da manhã até as cinco horas. Quinhentos réis por dia já dava para comprar leite e pão. Nessa época, essa fábrica tinha quarenta operários, hoje tem uns duzentos.

Nas férias da escola, eu ia levar almoço pro meu mano e ficava apreciando a turma que trabalhava, as máquinas de estampar placas de automôveis, carros, bicicletas. Gostei muito e pedi para aprender. Nesse mês de férias aprendi e me convidaram para trabalhar nesse setor; eu saí da escola e fiquei estampando placas, plaquetas... Isso um ano e meio, depois passei para a seção de gravuras. Nessa seção, fazíamos placas de metal, de bronze, datadorgs, carimbos; a maior parte dos trabalhos era feita a mão. A gente faz um desenho na placa (por exemplo: Dr. Fulano de Tal), depois cortávamos o metal de acordo com o desenho, preparávamos o metal e fazíamos uma composição de goma-laca, breu e cera virgem. Essa composição era espalhada numa placa onde desenhávamos por

cima. Com um bisturi recortávamos as letras. Depois protegíamos a placa com papelão pintado de cera virgem e breu onde colocávamos uma solução de ácido nítrico misturado com água porque era muito poderoso, muito agressivo; ele ficava trabalhando oito ou dez horas para aprofundar as letras que tínhamos cortado com o bisturi. Removendo a camada de cera as letras ficavam gravadas. O bordo da placa, que chamávamos de chanfro, era feito a mão com buril. Depois fazíamos outra solução, que seria uma esmalte de goma-laca, terbenalina, pó leve. Molíamos tudo num moinho (como os de café) e formava um pó que ia preencher as letras que foram gravadas. Com pedra-pomes, lixa, dávamos o acabamento na placa. No fim, o bordo ia para a politriz, aí já era a máquina que dava aquele brilho em volta. Políamos com "Kaoli" até o término da placa. Essas placas iam para médicos, advogados, firmas comerciais...

Nessa época eram muito usadas as fichas de metal nos bancos. Precisávamos fazer o estampo: o estampo é um bloco de aço que era torneado, aplinado e depois trabalhado. Formava-se um estampo, chamado macho. Depois formava-se uma outra peça aonde esse macho se conclua, fazendo a fêmea. A ficha ali era estampada em metal grosso e cortada. Depois eram numeradas e polidas, cromadas, niqueladas, conforme o pedido. Quase todos os bancos tinham fichas de metal executadas por nós.

A oficina tinha seções com muito barulho, mau cheiro de ácido. Noutra oficina se fazia a fundição de placas de bronze, cada seção era separada. A nossa era um pouco mais sossegada quanto ao barulho, mas tinha o mau odor do ácido que prejudicava. Chegamos a trabalhar até de máscaras nesse tempo.

Na seção de esmalte, o ferro passava por uma limpeza num tanque de ácido úrico. Ali era uma poluição de ácido! Trabalhava-se com máscaras.

Quando ao barulho, a seção de estamparia era a mais barulhenta; havia lá muitas máquinas pesadas.

As seções de escritório, de desenho, eram muito sossegadas. As outras sofriam barulho, mau cheiro e acidentes.

Tínhamos um laminador. Laminador é aquele cilindro de aço onde a gente põe o material de um lado bem grosso e ele sai fino do outro lado. É uma máquina perigosa. Uma ocasião, um senhor foi laminar umas peças e uma correia, uma polia, pegou o braço dele. Quebrou o braço, a mão, abriu a cabeça; enfim, o homem ficou inutilizado. Esse é um dos desastres que lembro, dos que foram mais perigosos. Mas na estamparia cortavam todo mês um dedo, dois dedos, cada operário.

Uma vez, uma bombona de ácido nítrico explodiu, quando era transportada. Felizmente não atingiu os operários que estavam perto, na vista. Atingiu nas mãos, na roupa e não foi um acidente muito grave. Tiveram a felicidade de não acertar nos olhos, se fosse nos olhos cegava, o ácido nítrico é um ácido perigoso.

Ceccherini era o nome de um operário que foi laminar uma peça de ouro e ficou inválido. Ele era dourador. Ficou inválido e meio louco, mas continuou trabalhando nos banhos de ouro. Naquele tempo não tinha indenização, ele continuou fazendo o que podia.

Na seção onde trabalhávamos eles fizeram uma máscara para proteger do ácido, mas aconteceu que essa máscara atrapalhava, tirava um bocadinho da respiração. Quem trabalhava no ácido não gostava de usar essa máscara.

A seção dos fornos, onde era feita a esmaltação, também oferecia bastante calorias, mau odor. Então todos os dias distribuíam quinze a vinte litros de leite para quem trabalhava lá, que era para não afetar o pulmão e outros órgãos. Mas sempre existia aquela poluição de ácido, dos fornos.

Nesse tempo, às sete e meia da manhã era a entrada; às onze e meia o almoço; ao meio-dia e meia a volta e às cinco horas a saída. Quem não respeitava o horário tinha que enfrentar uma multa. Havia muito extraordinário, horas em que a gente trabalhava depois que tinha terminado as horas do dia. Trabalhávamos até meia-noite. Eu fazia muito extraordinário; a gente trabalhava até as cinco horas e depois pegava empreitada até meia-noite, trabalhando.

Meu irmão levava o serviço para casa porque o trabalho dele era a gravura, uma coisa pequena, um carimbo, um estampo e era mais fácil fazer em casa. Não necessitava de máquina, nem de ácido.

Na fábrica, a pessoa que queria aprender a trabalhar ia à noite na escola, o Liceu de Artes e Ofícios, na Estação da Luz; ali tinha professores de pintura, gravura, tudo grátis. Frequentei o Liceu de Artes e Ofícios dois anos, fui aprender desenho depois de uns três anos de firma.

Sempre trabalhamos em grupo, nosso trabalho dependia de um e de outro, cada um tinha a sua função; era uma seção de quinze rapazes onde com o tempo eu tomava conta.

Brincadeiras, sempre havia entre operários. Tinha naquele tempo como tem hoje: contavam anedotas, brincavam. Tinha dois ou três que cantavam muito bem. Meu mano tocava violino, outro tocava flauta, outro clarinete. Esse pessoal se reunia fora do trabalho, para passeios. Mas a maior parte deles, aos sábados e domín-

gos, ia construir sua própria casa. Compravam um terrentinho e combinavam, em oito ou dez, fazer a casa. Arrumavam um pedreiro e o passeio deles era construir sua casa mesmo.

Parece que o Sindicato começou no 32, no 35. Havia nesse tempo muita camaradagem e um ajudava o outro, em caso de necessidade, porque não havia ganância de dinheiro. O dinheiro era muito curto, existia muito pouco, um ajudava o outro. No início, as firmas não aceitavam o Sindicato, então os operários se reuniam na casa de um, de outro, e combinavam o que fazer para se sindicalizar. Mas faziam isso escondido porque os patrões não gostavam. Depois o Sindicato progrediu bastante e as empresas acabaram entrando, foi obrigatório. Eu já era moço, com 27, 28 anos.

Só tenho conhecimento dos metalúrgicos: antes de 30 não era legalizado; os operários se reuniam escondidos para trocar idéias. Onde eu trabalhava vinham boletins dos sindicatos dos metalúrgicos italianos que chamava-se *I Metallurghi*. Eles aproveitavam para copiar alguma coisa para nós. Isso, antes do 30. Depois, na entrada do Getúlio em 32, parece-me que o Sindicato começou aos poucos a sua atividade, fazendo leis internas, colhendo sócios, se firmando, isso por volta de 40, 42. Eles alugaram, no início, um salão numa sociedade chamada Classes Laboriosas, que ainda existe na Rua do Carmo. Lá faziam suas sessões. No início eram só vinte, vinte e cinco por cento dos operários que se reuniam. Um deles ainda existe, é vice presidente hoje: Orlando Malvesi, muito meu amigo. Naquele tempo o Sindicato não era visto como hoje, uma sociedade que ajuda o trabalhador. Pensavam em infiltração comunista, o Sindicato era perseguido. Quando faziam sessões, aparecia o DOPS com casseteles, metralhadoras e terminava a reunião. Não me lembro das primeiras diretorias; comecei a trabalhar criança e só entrei para o Sindicato sete, oito anos depois.

As Classes Laboriosas tiveram muitos problemas: o Sindicato era uma entidade que a classe empresarial desprezava. Depois a força venceu. Na conquista do 13º salário, os sindicatos anunciaram que sem o 13º ninguém iria trabalhar. O Carvalho Pinto pediu ao operário que fosse trabalhar e esperasse sair o 13º depois. Mas a turma do Sindicato ficava na porta para que ninguém entrasse. Fizeram uma cadeia improvisada na Moóca e prenderam centenas de operários. No dia seguinte os patrões tiraram o cartão de todos os que não tinham ido trabalhar. Estavam despedidos. Eu não fui trabalhar. Tiraram meu cartão. Nessa época tachavam os metalúrgicos de comunistas. O presidente do nosso Sindicato, muito bom, demitiu-se; foi o Remo Forti. Houve um corre-corre em que muitos metalúrgicos foram presos.

A Petracco e Nicoli não fazia pressão contra os operários sindicatizados: não gostavam, mas não ligavam muito pros sindicatos. Outras firmas faziam pressão contra os operários: assistiam à sessão e apontavam os que lá estavam. O velho Afonso Nicoli era um operário, trabalhava junto com a gente, era um artista. Sendo operário, tinha muito contato conosco, compreendia seus trabalhadores. Tornava-se um amigo. O sistema de trabalho, naquele tempo, não tinha grande severidade. Era uma camaradagem; Afonso Nicoli, que tinha sido operário, sentia-se muito bem no meio do pessoal. Depois a firma mudou para "Petracco e Nicoli", ficou proprietário seu filho Mário Nicoli. Naturalmente que o Senhor Mário Nicoli não era gravador, nem trabalhava junto com os operários. E um economista e ele levou a fábrica para outras modalidades de condições entre patrão-empregados. Conseguiu um progresso extraordinário, embora não trabalhasse no ramo. Hoje a oficina é uma fábrica enorme. A casa do meu patrão era aqui no Cambuci onde está agora o Liceu Siqueira Campos. Com o progresso, ele comprou uma ótima casa na Praça Princesa Isabel.

Meu tempo de juventude foi muito empregado no esporte; organizava jogos, escalava os times, dava notícias para a *Gazeta*. Dirigi o Clube São Cristóvão aí do Brás, composto de vendedores de jornal. Depois fui convidado para dirigir o Madri dos espanhóis da Rua Santa Rosa; eram todos carroceiros. Dirigi o Clube Madri onde joguei, militei uns cinco, seis anos, por volta de 1930 ou 33... O Estrela de Oliveira era um time de várzea, muitos da turma fundaram depois a Corrida de São Silvestre. O nome do time vem de Rua Benjamin de Oliveira. Tomás Mazzoni era do nosso bairro, era amigo daquela gente. Nós pagávamos para jogar, ninguém ganhava; quem perdia chorava, tinha amor no Clube.

Nesse tempo, os jogadores da Primeira Divisão podiam jogar na várzea. Não eram profissionais, não ganhavam nada. Joguei no São Cristóvão, que era o melhor clube da várzea. Uma vez o Internacional, por intermédio do Tomás Mazzoni, convidou o São Cristóvão para formar seu primeiro quadro. O Internacional era de Primeira Divisão.

Comecei a jogar futebol com nove anos. Naquele tempo tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinqüenta campos de futebol. Penha, pode pôr cinqüenta campos. Barra Funda, Lapa, entre vinte e vinte e cinco campos. Ipiranga, junto com Vila Prudente, pode pôr uns cinqüenta campos. Vila Matilde, uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamentos. O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo pra fábrica.

Se nós vamos procurar na memória quantos jogadores da várzea, de uns quarenta anos faz, tinha mais de dez mil jogadores. Aquele tempo era uma coisa! Cada campo tinha um clube; a maior parte dos campos eram dados pelos donos para o lugar progredir, popularizar. O dono é que pedia pra fazerem um campo nesses terrenos baldios. Quando tinha um clube, vinha o progresso. No domingo vinham duas mil pessoas assistir, e começava o comércio, o progresso.

Hoje não jogam nem dez por cento daquilo que jogavam naquele tempo, por falta de campo, de lugar. Não tem onde jogar. Em cada bairro se fazia um campeonato, juntavam dez ou vinte clubes. Ali era uma coisa! O jogo da várzea era o que atraía a maior parte do público. De grande, havia o campo da Ponte Pequena, do Corinthians velho, e o campo do Sírio. Depois veio o Parque Antártica e o Parque São Jorge. A gente dizia: "Em que parque vamos jogar?" Não tinha ainda estádio, era campo livre, ninguém pagava pra ver. O Pacaembu veio mais tarde, acho que em 38 ou 40. Aí começou a massa, antes o pessoal estava espalhado nas várzeas e nos bairros jogando mesmo.

Sempre torci para o Palestra Itália, desde criança. Lembro o primeiro goleiro do Palestra, Vulcano Fiosi. Me lembro depois do Bertolini, era da linha, do Goliardo, Ministrinho, Xingo (este era um grande beque; Heitor Barbuy, que foi do Corinthians, Picagli, um grande beque; Heitor Marchino, era meia-direita, jogava junto com o Frenckreich, do Paulistano. O Athié Jorge Cury, o Felício eram do Sírio; hoje é presidente do Santos. Havia o Botafogo, na Rua Paula Souza, que é o Corinthians de hoje.

Não tinha preto naquele tempo no Palestra. Os torcedores eram noventa por cento italianos ou filhos de italianos. As brigas eram até mais brutais do que hoje. Me lembro de uma passagem do Neco, um dos maiores jogadores do Corinthians. Uma vez ele tirou o cinto e correu atrás do juiz batendo nele o tempo todo. Naquele tempo o Paulistano era o clube da elite. Mas as torcidas maiores eram do Corinthians e do Palestra. No Corinthians estava a massa: os pretos e os espanhóis.

Depois de casado joguei alguns jogos, poucos. Casado *versus* solteiro. Aí eu já tinha a responsabilidade da família. Quando foi morrendo o jogo da várzea e o futebol de bairro, começou a se concentrar o público nos estádios. Até mulheres começaram se interessar por jogo. O Morumbi já é recente. Fui na semana de inauguração do Pacaembu; mas o futebol já não é mais o que foi para o povo.

Eu gostava de dirigir, quando nossas federações esportivas representavam um drama. Lembro uma peça de amadores *O louco*

da aldeia, que volta e meia passávamos. Nas óperas que chegavam a São Paulo, vinham cantar Caruso, Beniamino Gigli, Tito Schipa. Eram caras as entradas para frisa, camarote, cadeira... Nós íamos na geral. Vimos todas as óperas... *Traviata*, *Rigoletto*, que ainda são lembradas... não me recordo o nome dos sopranos, mas a *Aida* é honamental.

Meu irmão Alfredo tocava violino nos cinemas; quando era filme mudo... ele tocava os números musicais dos filmes, no tempo do Carlitos. Os companheiros dele, do "Conjuncto Musical Excêntrico", devem ter morrido todos... são tantos anos...

Não sou muito do tempo da serenata. Sei que faziam serenatas no Bom Retiro e no Brás, ali no Largo da Condição. No início da Ponte do Brás tem uma alegoria do compositor que fez a "Rapaçada do Brás"; por sinal que ele era amigo do meu irmão Alfredo. O Francisco Alves cantava na Companhia de Revistas Tro-ó-ló, no Cine-Teatro Santa Helena. Íamos ao Teatro Bela Vista, ouvir as "canzonetas" italianas pelas Companhias de artistas que chegavam: Minello, Caiatta, Anita Piccioni...

Na minha infância só existia rádio de pôr no ouvido, mas quando veio o rádio fomos dos primeiros a ter, eu devia ter uns quinze, dezesseis anos... Lembro do programa "Tito Schipa", em língua italiana, que era transmitido no Jardim da Luz. O patriocinador era um italiano chamado Morgantini, que tinha lá uma cantina que denominou Tito Schipa. Quando Tito Schipa vinha pra São Paulo, sempre visitava o Morgantini. Em casa, tínhamos uma vitrola antiga de dar corda e pôr o disco. Era o tempo de Francisco Alves.

Lembro bem do cinema mudo porque meu irmão tocava no Cinema São Pedro, na Barra Funda. Conforme era o filme, ele procurava acompanhar com a música. Assisti *Moeda quebrada*, *Roleaux* e os filmes do Carlitos. O cinema falado, quando exatamente ele apareceu, eu não me lembro. Sei que no começo das exibições alguns filmes atrapalhavam porque, parece-me, era acompanhado por discos, então não se escutava bem. Antes do casamento íamos com a família, meus irmãos, minha mãe, meu pai; toda segunda-feira era dia de cinema.

Sempre fui ao teatro e lembro dos bons artistas brasileiros: Leopoldo Froés, Procópio Ferreira, Jayme Costa, Dulcina de Moraes. Assisti *Deus lhe pague* com Procópio Ferreira diversas vezes. *Manhãs de sol* com Dulcina de Moraes e Oduvaldo Vianna foi uma peça muito bonita que repercutiu em todo o Brasil.

Não gostava de danças, ligava muito pouco pra baile. Os mocinhos e as mocinhas passeavam à noite no Largo da Condição e na Rangel Pestana, de um lado os rapazes, de outro as moças. Eu

preferia jogar pingue-pongue toda noite, até meu casamento, em 1937. Assista também às corridas de cavalo, com meus colegas, quando o Jôquei Club era na Moóca, na Rua do Hipódromo. Não gosto do jogo; gosto de ver o cavalo correndo; pelo dono ele arrebenta o coração.

O carnaval também era uma festa de povo na rua, que brincava com conife, serpentina, lança-perfume. O maior carnaval era feito na rua, não se ia em clubes de bailes. Passava o corso na Avenida Paulista, com carros alegóricos, o desfile era muito mais interessante.

Em 1922, houve festa em São Paulo, pelo Centenário da Independência; a festa foi no Museu do Ipiranga.

Eu devia ter mais ou menos vinte anos quando começou o Martinelli. Eles venderam o prédio para inquietos e para comércio. O Hotel d'Oeste ficava, se não me engano, no sétimo ou oitavo andar. Em baixo era tudo casa de comércio, me lembro de uma casa grande, de esporte.

A mudança não foi assim tão rápida. O progresso da periferia começou porque no centro já estava ficando difícil morar. O comércio progrediu e ocupou as casas de inquietos. As pessoas mudavam para pagar um aluguel mais barato. Iam para a Penha, para a Lapa, para o Ipiranga. Mais tarde iluminaram a Avenida São João, isso foi depois do Martinelli. Me lembro do calçamento da Praça Clóvis Bevilacqua, que era descalça. A Catedral levou vinte anos para terminar.

Conceci a ver automóvel há uns cinquenta e cinco anos; antes daquele tempo eram projetos de automóveis. Lembro quando começaram a vir automóveis que traziam corridas no Velódromo; naquele tempo se chamava Velódromo. Lembro a primeira vez que subi num automóvel. Tinha escola de choferes aí na Rua do Lucas, no Brás. Os alunos, no sábado e domingo, deixavam os automóveis. Então, no domingo, íamos a Santos com eles; eu tinha uns dezoito anos quando subi num automóvel.

O primeiro rádio era de galena, não de eletricidade, nem de pilha. Punha-se no ouvido um dispositivo e se escutava rádio assim.

Telefone era no meu tempo coisa de luxo, muito difícil. Quando trabalhava na oficina é que me chamaram pela primeira vez no telefone. Ele era mais difícil de adquirir do que, hoje, um prêmio na Loteca.

A primeira vez que vi avião foi no tempo da Ada Rogato, uma grande aviadora brasileira, que ainda é. Ela estava fazendo horas de vôo para poder ganhar o brevê no Campo de Marte e voava de teco-teco. Ela era uma excelente aviadora, mas naquele tempo

era muito perigoso. Voei uns quarenta minutos naquele teco-teco, dirigido por Ada Rogato que fazia horas para obter o brevê e a gente alugava. Levei comigo um menino, o Ronaldo, filho do companheiro Umberto e da Dona Alice, que ficou muito impressionado e voou comigo pela primeira vez.

Fui muito feliz na minha juventude. Amigos, eu tinha uma legião deles. Onde eu trabalhava, na indústria Petracco e Nicoli, tinha cento e vinte operários nessa época; eram cento e vinte amigos. Famos a piqueniques, brincadeiras de sala no domingo. Na oficina, era amigo de todos. Me lembro muito do João Volpi; trabalhei com ele trinta anos. O irmão dele, Alfredo, pintava céus de igrejas.

Uma vez, uns srios amigos meus me procuraram porque sabiam que eu conhecia o irmão do pintor e me pediram que lhe desse um recado: "— Vê se ele quer pintar a igreja dos srios da Rua Paqué." Eu dei o recado para o Joãozinho Volpi; o irmão dele, Alfredo Volpi, aceitou; mas a encomenda não deu certo porque a Prefeitura desapropriou a igreja e ele ficou sem o trabalho.

O Umberto Rossi eu conheci quando ia levar almoço para o meu irmão. Era mais velho do que eu, uma pessoa muito boa, trabalhador, ótimo marido, bom pai de família. Era chefe da Seção de Esmaltaria. Controlava a esmaltação a fogo, com forno de 600 a 800 graus. Compunha química no esmalte, tinha a noção do tempo... Um artista.

As férias começaram no 35, no 34. Lembro disso porque casei no 37; foram as primeiras férias que eu pedi, para casar e passar de sete a dez dias, isso já no tempo de Getúlio, no 37. Os patrões começaram no princípio com um pequeno reconhecimento; davam um conto de réis para quem fazia vinte anos de casa; esse conto de réis, naquele tempo, para o operário, era uma fortuna. Era a única regalia que tinha nesse tempo e era somente para quem fazia vinte anos. Não havia aposentadoria ainda, o salário-família veio também com a lei da aposentadoria. Não estou bem lembrado no momento, mas sei que veio tudo junto. Salário-família era sem, licença médica também não tinha. A pessoa faltava, precisava naturalmente explicar porque tinha faltado e isso era reconhecido e descontado o dia, senão eles não levavam em consideração.

Havia muito desemprego para aqueles que não tinham ofício, mas aqueles que sabiam uma profissão tinham sempre emprego. Mas, nesse tempo, era muito mais gente que não tinha profissão do que aqueles que tinham, por isso é que havia muito desemprego.

Nosso ramo era pouco conhecido. A gravura ficou conhecida, aqui no Brasil, através de Afonso Nicoli, uma outra firma chamada Cardinali, mas de gravura, quase cinqüenta anos faz, ninguém entendia antes. Em nosso setor havia o nosso chefe, o Nicoli, que era

italiano, o Oddone Carletti, que continua ainda e acabou sendo gerente e que está agora com quase noventa anos. Oddone foi o mestre que sabia todos os ofícios, que ensinou a todos a arte.

Os operários do Brás festejavam o 1º de Maio, fazendo piqueniques no Parque Antártica; as famílias se reuniam, havia baile na grama, cantavam, brincavam. A maior parte dos 1º de Maio na praça eram paulada. Quando os comícios se alteravam chegava a cavalaria. Uma vez, no Largo do Pari, no fim da Rua Santa Rosa onde se reuniam os trabalhadores... nesse dia tinha umas cinco, seis mil pessoas, o comício estava marcado para as dez horas. Quando chegou a hora do comício, apareceu a cavalaria com cento e cinqüenta soldados que desmancharam o comício com cassete, cavalo por cima da turma e o comício não foi realizado. Eu tinha treze anos, precisamos fugir do quebra-quebra do Largo do Pari.

Sempre fui metalúrgico e assisti os comícios do Sindicato. Os metalúrgicos tinham um jornal chamado *Hoje*. Me parece que agora o operário está ligando menos para o 1º de Maio, o trabalhador está mais acomodado. Não ligam muito como antigamente; antes esperavam o 1º de Maio como uma vingança. Não havia direito a médico, a remédios na fábrica, em lugar algum. Entrei numa Sociedade Beneficente, as Classes Laboriosas. Com uma pequena mensalidade davam assistência médica e cinqüenta por cento nos medicamentos, operações e hospital. Isso, até a formação do Sindicato, que dá isso e dá muito mais.

Tem que ser sindicalizado! A pessoa que trabalha não tem condições de ir ao hospital, alugar um quarto, pagar um médico, uma operação se a esposa ou o filho ficam doentes. O trabalhador não tem. O Sindicato é tudo. Antigamente, quando uma fábrica se mostrava contra o Sindicato, apedrejavam a fábrica.

Havia na mecânica o Vicentini, que era vêneto; na estampana, dois ou três espanhóis e muitos descendentes de italianos. Esse tempo era de muita migração, havia muito migrante e os que chegavam aqui vinham pro trabalho, obedeciam às leis da nação. Não havia aquela rivalidade estrangeiro/brasileiro; os imigrantes eram bem aceitos mas sofriam muito no interior, trabalhavam bastante e ganhavam pouco. O preconceito contra italianos veio no tempo da guerra, em 37, 38, até terminar a guerra. Antes o italiano era bem visto, era muito progressivo e a maior parte dos trabalhadores que tinha ofício, que sabiam trabalhar, eram italianos ou descendentes de italianos.

Antes da guerra, o Mussolini era um ídolo para os italianos porque o que ele fez na Itália, parece-me, repercutiu bem em todo o mundo. Depois ele inventou a guerra com o Hitler, tornou-se uma pessoa muito antipática, mesmo para os trabalhadores estrangeiros

aqui no Brasil. Antes da guerra, os trabalhadores não ligavam para fascismo, essas coisas; eles faziam até desfiles de camisa verde, de camisa preta em campos de futebol, mas eram times de italianos, adeptos do fascismo, mas isto era bem antes da guerra, e era permitido. Então tinha sociedades fascistas e depois que entrou o Hitler tinha sociedades nazistas. Quando começou a guerra, isto tudo acabou.

Os sindicatos nesse tempo eram fracos, mas num apanhado geral a gente percebia que eles eram contra esses camisas verdes. Os camisas verdes não estavam no Sindicato, eram mocinhos de ginásios. Naquele tempo tinha muita escola italiana. Então eles pegavam esses mocinhos e convidavam para fazer as passetas dos camisas verdes do fascismo.

Antes da guerra, o fascismo era benquista aqui, todos os ricos daquele tempo eram proprietários, fabricantes, gente que estava muito bem e a terra deles era a Itália e eles apreciavam que o Mussolini estava fazendo alguma coisa boa pelos italianos. Essa simpatia foi só até antes da guerra, depois não.

Da última guerra, a de 37, lembro que faziam *black-out*. Eles determinavam uma hora, por exemplo das 8 às 9 ficava tudo no escuro, e ninguém podia acender nem um fósforo, e tinha guardas em todos os bairros. Por intermédio do rádio eles pediam que não acendessem nada. E o povo obedecia, não sabiam porquê.

No tempo da guerra os brasileiros começaram a ter ódio dos italianos. Alguns pretos ameaçaram os jornalheiros italianos. Um preto deu uma surra num jornalista mas depois os italianos se reuniram e pegaram o preto.

Um caso se passou com o Nicoli. Lá na oficina vinha gente da policia e uma vez o delegado viu que o Nicoli falava em italiano com o Bassetto. Aí o delegado gritou com o Nicoli e ameaçou pôr na cadeia quem falasse italiano. Era tempo da aliança da Itália-Almanha-Japão.

Teve um caso que se deu com um velho que foi preso por falar italiano: — *Mi son Italian!* ele disse. Gosto muito do Brasil *ma però viva l'Italia! Adesso te può mettermi in prison*. O delegado apertou a mão dele e disse que seria bom que os brasileiros gostassem do Brasil como ele gostava da Itália. Era o Antonoli, que eu conheci, charneiro da Rua Benjamin de Oliveira.

No Brás não moravam só italianos. Os portugueses, em São Paulo, não tinham uma grande coízia, como em Santos e no Rio de Janeiro. No Brás, os portugueses ficavam nas padarias e nos bares. Eram poucos. Mais espanhóis do que portugueses. Os espanhóis ficavam nos armazéns de cereais, mas principalmente no ferro-velho. Na fábrica, poucos. A maioria preferia se estabelecer por

conta própria. Abriam uma portinha de cebolas na Santa Rosa. Hoje, os espanhóis ficam principalmente na Rua Piratininga. Comerciavam ferro-velho, depois ficaram com a venda de peças de automóvel. Conheci muitos espanhóis: o Rafael Moraes, pai do jogador de pingue-pongue; Macotera, Sevillano que já tem oitenta anos, Francisco Herrias... O filho de Sevillano mora no Jardim Paulista. O velho, já com oitenta e dois anos, mora ainda no Brás. Está sempre ali sentadinho, dizem que toma sete ou oito Caracuz por dia.

Pretos, no Brás, tinha muito pouco. A maior parte eram descarregadores de sacos lá no Mercado Pequeno, um mercado de peixe, na ladeira do Empório Toscano, perto do Parque D. Pedro. Nós não sabíamos onde moravam aqueles pretos. Deviam morar longe, no Alto da Moóca, Alto do Ipiranga. Eram lugares longe, descampados, onde a turma tinha um terreninho, depois do Monumento. Preto distinto conheci um. Era um senhor preto, gordão, fiscal da Companhia Antártica. Andava com um túburi, fiscalizava os bares onde serviam bebidas da Antártica. A maioria dos pretos descarregavam sacos. Naquele tempo, no Brás só havia um por cento de pretos. Mas depois da guerra, principalmente no Largo da Concórdia, o Brás virou a Bahia.

Não me lembro de nordestinos naquele tempo. Essa invasão dos baianos não passa de vinte anos. Começaram a morar lá no Brás. Na Caetano Pinto tinha muito cortiço. Antigamente eram dos italianos, depois eles foram progredindo e saíram. Na Beirada da Moóca, também. Quando os nordestinos vieram, São Paulo já era grande. Mas eles vieram contribuir muito para o progresso, eram pedreiros, faziam qualquer serviço. Pegavam prática de construção. Só depois é que entraram nas fábricas.

No Nicoli ainda tem alguns italianos, ou filhos, são os mestres. Mas as seções de serviço mais fácil são de nordestinos. Na estampa, por exemplo, a pessoa fica vendo o estampanador e com o tempo vira estampanador, mas fica naquilo. Não é como antigamente que levava quatro ou cinco anos para aprender o ofício. Antes tinha que aprender a desenhar, e ir na escola de desenho; por exemplo, o Liceu de Artes e Ofícios ensinava desenho e artes, gratuitamente. Agora o Liceu é mais de artesanato.

Os nordestinos se dedicam ao trabalho de cinco a oito anos, mas só para conseguir umas economias para comprar um sítio e trabalhar com a família. Esses que trabalham no Metrô fazem sociedade com cinco, dez pessoas, trabalham dezesseis horas no Metrô onde não têm tempo nem de dormir. Um fica em casa fazendo comida, lavando roupa. Compram tudo por atacado ou no fim da feira. Fazem economia, no fim de um ano põem dinheiro a juro e

depois de cinco a oito anos compram um terreno lá no Nordeste, em lugares muito afastados onde não existe quase nada. Trabalham em fábrica, são choferes de locação. Eles se juntam e gastam uns vinte por cento do que ganham. Só têm a despesa da comida.

Um ofício como o de gravador pra se aperfeiçoar leva cinco a seis anos, e eles não querem ficar em São Paulo. Nas máquinas, eles aprendem com facilidade. A máquina é mais simples, foi feita para trabalhar. No máximo de um ano ele fica prático de laminador, de estampador, e num ano ele pode ganhar o dobro de um salário mínimo.

O ofício precisa começar pelo começo, e o começo é o desenho. A arte é muito demorada para aprender.

Lembro da Coluna Prestes no Rio de Janeiro. Diversos generais se entrincheiraram em Copacabana, num lugar que não me lembro. Era uma coluna, parece-me, que lutava pela Constituição. Luís Carlos Prestes era o chefe do comunismo; ouvi nos palanques muita palestra dele no tempo que o comunismo era permitido no Brasil, que aliás foi muito pouco tempo. Nesse pouco tempo ele se pronunciava nos palanques, nas Classes Laborosas. Houve uma época que todo mundo falava dele. E com as leis que vinham vindo, os empresários, gente que tinha muita propriedade, pensava que ele ia se juntar com o Getúlio. Mas não foi bem assim. O Getúlio fez leis que se executam hoje e para o movimento operário ele foi um dos melhores presidentes que teve o Brasil.

A primeira eleição foi no tempo da Constituição. Foi feita depois de muito tempo que não se votava mais. Foi uma dificuldade conseguir o título. As filas eram tão enormes que era preciso pular a parede. Votei no Dutra. Em 50, votei no Getúlio. Em 55, votei no Juscelino. Em 60, votei no Jânio. O Jânio esteve na oficina. Eu estive com ele na estampanaria. Ele veio encomendar o tostãozinho com o slogan: "O Tostão contra o Milhão". Mandou fazer um pedido de duzentos mil distintivos. Foi quando ele ganhou do Adhemar. A oficina toda votou no Jânio. Parece que nós votamos também no Jango: era o JJ. Para o Carvalho Pinto nós fizemos dois milhões de pintinhos.

O Jânio era um tipo atlético, quando novo. Depois entrou na política. Nessa época ele veio com o General Porfírio da Paz, candidato a vice prefeito dele. Conseguiu entrar. Depois fez a campanha para governador, conseguiu entrar e apontou o Carvalho Pinto para seu sucessor no governo. Aí voltou na oficina com ele e teve a idéia de lançar o distintivo do pintinho, propaganda que foi uma conseqüência.

Ele veio até nós porque teve aquela idéia da campanha do "Tostão contra o Milhão". E teve a satisfação de estampar a pri-

meira moeda na máquina de estampo. De um lado estava escrito *Tostão*, do outro *contra o Milhão*. Ele falou: "— Este tostãozinho aqui é vocês. O milhão é a sociedade que nós devemos fazer reconhecer a necessidade daquele que precisa, do operário, do trabalhador."

Quando o Jânio vinha na oficina ele se sentava numa cadeira e em volta dele ficavam os operários perguntando: se ele ia ser presidente, o que faria no governo... Ele respondeu que a primeira coisa que ia fazer era trabalhar pela gente mais necessitada. Ia ajudar os cobradores de ônibus, motoneiros, condutores... ia favorecer essa classe. Quando o Jânio mandou os operários falar, eu falei: "— Escute, Sr. Jânio, o senhor está protegendo muito os cobradores de ônibus, por quê?" "— Boa pergunta: eles são trabalhadores como vocês. Eles ganham um salário de fome. E essa gente aí é responsável. São como vocês. Nós temos que olhar por todos." Ele fez uma exposição daquilo que ele ia fazer pros operários. Depois, ele trouxe o Carvalho Pinto: "— Vocês têm que conhecer os candidatos." O pessoal em geral votava nele. "— Vocês têm que se sindicalizar. Vocês têm que ajudar o Sindicato a ajudar vocês. Quem sobe lá em cima tem muito o que fazer." Ele ensinava o operário.

Quando ele era presidente, foi chamado pelos lordes da Inglaterra e nem deu confiança. Quando ele voltou para o Brasil, ele explicou que o nosso produto, o café, era vendido por intermediários ingleses e americanos como se fosse coisa deles. Depois teve a passagem do Guevara, o Jânio condecorou o Guevara, parece que a razão foi essa. Naturalmente foram os militares que fizeram essa coisa. Nas reuniões, na porta da fábrica, a gente comentava.

Em 64 foi aquele negócio de Lar-Pátria-Família. Foi quando fizeram a Revolução, a revolução de mentira, feita na Secretaria. E conseguiram pôr uma lei diferente.

Dividas não fiz, mas no tempo do noivado fiz força para juntar cinco contos, juntei. Quando casei usci no casamento e ainda sobrou um dinheiro pra volta da lua-de-mel.

O ano em que me casei, 1937, foi um dos anos de maior miséria em São Paulo. Não sei se foi porque era o começo da guerra, foi um ano muito sacrificado, não tinha serviço, era muita miséria. Casei a 13 de abril de 1937. Vai para quarenta e um anos. Foi na Igreja do Brás e depois teve aquela festinha na minha casa, que foi a consagração do casamento. Toda turma da rua veio, vieram todos, eram todos meus amigos. Vieram alguns colegas da fábrica.

Meu irmão, que tocava violino, tinha conhecimento com um maestro que ensinava a tocar violino e que se chamava Gigin Gagliera. Ele encarregou-se de arrumar oito ou dez pessoas que to-

cavam violino e que na minha despedida ficaram tocando na porta. Depois de um ano e pouco, em 38, nasceu minha primeira filha, em fevereiro. Minha esposa foi muito bem acompanhada por médico porque eu era sócio das Classes Laboriosas.

A Isabel já não tinha mãe para ajudar; eu, quando casei, já não tinha sogra. Veio uma prima ajudar. Minha mãe e minhas irmãs ajudaram muito minha esposa, que nessa época tinha que ajudar sua família. Os irmãos dela tinham muita necessidade e ela precisava cuidar também das pessoas da família dela. Meu cunhado esteve doente e depois faleceu. Sempre fizemos tudo por ele. Por minha irmã víuva também; dediquei-me quanto pude à minha família.

Quando casei, mudamos para um quarto, sala e cozinha, na Rua Benjamim de Oliveira, na casa de uma família do Brás. O primeiro aluguel que paguei depois de casado foi de 120 mil-réis. O aluguel da Rua Carlos Garcia parece-me que era de 20 mil-réis. Depois mudei de novo para a casa de minha mãe, onde eu pagava uma mesada. Lá fiquei um ano e meio somente e mudei para o Cambuci, perto da fábrica. Vim morar bem perto da Dona Alice e do Umberto, e aí paguei 200 mil-réis. Depois passei pra Luís Gama, eram 450 mil-réis. Na Rua Stefano foi um conto de réis. Morei sempre em casa alugada e depois consegui comprar um terreno na Vila Ré, mas isso é recente.

Em 1943 nasceu minha segunda filha; tem a diferença de uns quatro anos entre uma e outra. Eduquei de modo diferente de meus pais, não vou dizer melhor. Eu trabalhava e minha maior ambição era dar escola e estudo para as crianças. Uma delas estudou de dezessete a dezoito anos, a outra de doze a quatorze, mais ou menos. Felizmente uma delas estudou, porque não tive estudo em minha mocidade. Existiam poucas escolas do governo naquele tempo, as escolas eram caras. Os preços eram altos, não tinhamos condições.

A comida, sempre foi como hoje: arroz e feijão; os outros mantimentos, carne, peixe eram mais baratos que hoje; então havia essa comida na mesa, mas o principal mesmo era o arroz e feijão. Minha mãe era vêneta e fazia bastante sopa, bastante caldo, polenta e outros pratos vênets. Depois que casei, minha esposa é descendente da Baixa Itália, então é macaronada, "brajola", massas, comidas mais pesadas, mas muito gostosas.

Meus companheiros de trabalho bebiam; saíam às seis horas do trabalho, se reuniam na venda da esquina e ficavam lá até meia-noite, sempre bebendo, discutindo. Bebiam pinga, o vinho para o operário era caro, por barato que fosse, não era para a aquisição do operário. No tempo de meu pai o vinho que vinha em cartolas, em barris, da Itália, era bem barato. Depois de casado tomávamos um

vinhozinho no almoço, um vinhozinho na janta, mas em casa, só um copo. Os que iam no bar saíam de lá embriagados. No Brás eram muito procuradas as cantinas que serviam queijos, azeitonas, atum estrangeiros, mas eu não tinha o hábito de frequentar essas cantinas.

Todo sábado ou domingo ia com minha esposa ao cinema na Rua do Gasômetro, chamado Isis. Hoje é Glória, mas também não existe mais. Depois tinha o Cinema Mafalda, hoje é aquele Cine Olimpia, mas também não existe mais; hoje é uma fábrica de móveis. E tinha o Cinema Colombo, depois o Colombo virou teatro, era no Largo da Concor dia, onde vieram os maiores músicos e os maiores artistas do mundo. Não existe mais. Iamos ao teatro também.

Quando minhas filhas cresceram minha maior satisfação era levar as meninas passearem. Durante a semana trabalhava mas no domingo sempre conseguia poder levar as duas passear. Quando ficaram com mais idade iamos toda semana ao cinema.

Conseguí que minha filha frequentasse a Escola Álvares Penteado; outra filha que frequentasse a Escola Nossa Senhora da Glória e depois a Álvares Penteado e aos poucos, com sacrifício, consegui dar um estudo mais ou menos bom.

Não obriguei, mas sempre fiz ver a elas que a religião da Igreja era muito boa e que a gente devia ter uma crença em Deus; parece-me que elas seguiram. Vou à missa todo domingo. Hoje, a Igreja dá uma certa liberdade para o católico que não tem obrigação nenhuma. Ele vai à igreja, reza, toma comunhão, faz aquilo que acha que tem que fazer, sempre pensando em Deus, naturalmente. A Igreja não obriga a nada. Parece que tudo aquilo que peço a Deus eu recebo, e quando tenho qualquer problema rezo a Deus e, parece, sempre fui ouvido.

Lembro como se fosse hoje que na gripe espanhola vi no céu o carro com os cavalos brancos na frente e o meu caixão. Vi mesmo, não que foi um milagre, mas vi e lembro como se fosse hoje.

Nunca fui a sessão espírita mas faço coleta para o André Luís porque me levaram visitar as crianças e fiquei muito penalizado vendo aquele sofrimento, e então prometi a Deus que ia colaborar de alguma maneira. São dezoito anos. Na Páscoa e Natal entrego listas e tudo que as listas derem é para as crianças da Casa de André Luís. São crianças abandonadas no Manicômio, entre os leprosos, não as que têm pai e mãe. Elas vivem do que dão essas pessoas que gostam de ajudar, que têm amor pelas crianças. O hospital abriga quase duas mil crianças com o dinheiro que o povo dá. Todo Natal e Páscoa vou lá levar contribuições, angário sócios; este ano angariei uns cinquenta sócios que pagam 15 cruzeiros por mês. Levei o pessoal da fábrica, há uns doze ou treze anos, visitar a Casa de

André Luis; eles também ficaram muito penalizados e me pediram para angariar donativos. E continuaram ajudando.

Hoje moro com a Isabel, minha filha solteira, e minha filha viúva e os dois netos. Um dos netos que gosta de um bonito traçado de letras, estou levando no Instituto de Caligrafia De Franco. Sou aposentado mas ainda faço alguma coisa daquilo que eu sabia fazer, afinal sou responsável pela casa.

Morei muitos anos numa casa-prêmio do IAPI; ali pagava um conto de réis de aluguel quem tinha os quesitos necessários. Lembro de seis desses quesitos: 1º — ser brasileiro; 2º — ser casado; 3º — ter dois ou mais filhos menores; 4º — ter pago o primeiro recibo do IAPI; 5º — ser sindicalizado; 6º — ter ordenado correspondente. A gente ficava inquieto o tempo que quisesse. Aconteceu depois que o cruzeiro desvalorizou e o IAPI nos obrigou a comprar as casas. Fizeram um preço facilitado, e até foi um alto negócio para os que compraram. Eu comprei, depois vendi, por causa das enchentes. Uma tarde meu neto não voltou para casa, porque já tinha um metro e meio de água. O chofer do Colégio Anglo Latino não pôde entrar com a perua e ficou com o menino até meia-noite. Ai, minha filha disse que não morava mais lá. Uma ocasião ficamos três dias e três noites sem poder sair do apartamento, sem luz, sem água e sem gás. Vinham os bombeiros de barco, ali era Venezuela. Os bombeiros vinham buscar a gente em casa pra levar a gente onde quisesse. Foi em 1970 ou 71. Foi quando veio aquela chuva tremenda que inundou São Paulo todo. Agora diminuiu muito com a reificação do Tamanduatei.

A aposentadoria não é nada e preciso pegar serviços de gravação. Pago o aluguel desta casa porque tem um quintal gostoso para os netos, árvores. Esta rua do Cambuaci é sossegada.

Sinto-me contentíssimo com a vida, agora. Ainda vou ao cinema, teatro, todo lugar em que haja alguma coisa para aprender eu vou. Desde que minha mãe faleceu vou todo domingo visitá-la. Prometi que iria visitar mamãe toda semana, quando ela morreu. Quando preciso viajar, vou no sábado ou num dia da semana.

Toda a família está no cemitério: meu pai Adolfo Bovi, meu irmão Alfredo Bovi, Atílio Bovi, Arturo Bovi, Aníia Bovi, Alda Bovi e Júlia, minha mãe. Quando ela faleceu fiz de tudo para fazer um túmulo e consegui tirar minha mãe e meu irmão dos ossos, que era cinco anos que estavam enterrados. Mas não consegui reunir meu pai e meu irmão Arturo.

Meu pai e meu irmão perdi. Eles estavam enterrados numa rua do Cemitério do Araçá onde iam abrir uma avenida. Sempre

perguntava quando iam desenterrar e me respondiam: “— Olha, o tempo normal é cinco anos mas acontece que vai haver uma reforma, vão abrir uma avenida e, quando se der isso, nós avisamos.” Essa reforma levou mais de dez anos e quando chegou a época não me avisaram. Então perdi meu pai e meu irmão Arturo.

Lembro mais das coisas recentes, do momento. O tempo que posso lembrar é o de vinte cinco, trinta anos atrás; tudo era muito diferente aqui em São Paulo porque a gente ganhava pouco. A mão-de-obra era muito barata mas a vida também era barata, o salário era pequeno mas valia mais. Não tinha essa correria de hoje, esses aumentos de seis em seis meses. O aumento do custo de vida era cada ano e era relativo, menos que agora porque o dinheiro, naquele tempo lá, era difícil. Continuou sócio remido do Sindicato dos Metalúrgicos; com uma pequena mensalidade o sócio tem direitos na doença, na desgraça. Os metalúrgicos são um exemplo.

Quando encontro os amigos da oficina que trabalharam trinta, quarenta anos comigo é uma satisfação enorme, lembrando o que fazíamos; as amizades lá eram boas. Porém, o mais importante em minha vida foi o meu casamento, o nascimento das filhas, o casamento da primeira filha, o nascimento dos filhos da minha filha.

Aquilo que eu fiz na vida não foi lá grande coisa. Se estivesse na minha competência eu daria um conselho aos jovens para levar uma vida honesta, uma vida com amor. E se portar direitinho... A coisa mais linda que existe é quando um homem tem a responsabilidade da família, uma boa esposa.

Lembro da infância, sim, de quanto gostava do esporte, de futebol, pingue-pongue. Uma coisa que não esqueço foi a chegada do Torino da Itália; fui recebê-los no Aeroporto de Congonhas e abracei os jogadores. A *Gazeta* tirou uma fotografia em que eu saí na primeira página junto com os jogadores, isso eu não esqueço. Não fico lembrando sempre, só quando passa no pensamento. Se preciso, forço a memória e lembro o que quero. Tem uma passagem que vou contar, foi o dia que as indústrias não funcionaram. Nós não sabíamos de nada. Ficamos na esquina esperando e a fábrica não abriu. Deu sete e meia, oito horas, oito e meia, e nada. Então começamos a sentir um ardor nos olhos, um ardor que foi ficando cada vez mais forte até a gente lacrimejar. Muitos operários pareciam chorando e não suportavam mais. Então nos avisaram que as Forças Aéreas é que estavam atraindo um ácido nos lugares de reunião do povo e era para a gente voltar pra casa. As autoridades não queriam que ninguém se reunisse.

Foi o dia da morte do Getúlio.

Sonho, às vezes, que estou trabalhando na oficina porque fiquei quarenta e quatro anos nessa oficina, sempre, desde menino, na infância, na mocidade e numa parte da velhice. Essa oficina não me sai do pensamento.

Os velhos de hoje foram os moços de ontem. Devem procurar ainda fazer alguma coisa na vida. Se um velho fosse doente, abandonado, deve-se recolher num lar onde pudesse passar os últimos anos com fartura, boa companhia quando sozinho. Se tem família, embora tenha feito algum deslize na mocidade, acho que devia ser perdoado e tratado muito bem. Há os que partiram para o jogo e a bebida e ficaram por aí abandonados. Mas eu acho que deveríamos olhar até por esses velhos. Eles também trabalharam.

Lembranças do Sr. Ariosto

Nasci na Avenida Paulista, em 1900, numa travessa chamada Antônio Carlos, dia 20 de setembro. Meus pais vieram para cá como imigrantes, deixaram sua família na Europa. Da hospedaria de imigrantes eles já eram tratados para uma fazenda no Estado de São Paulo e para lá meu pai foi.

Naquela época não tinha maquinaria, meu pai trabalhava na enxada. Meu pai era de Módena, minha mãe era de Carpi e ficaram muito tempo na roça. Depois a família veio morar nessa travessa da Avenida Paulista: agora está tudo mudado, já não entendo nada dessas ruas.

Meu pai era mestre de caligrafia, pintava quadros a aguarela e fazia retratos a bico-de-pena que é uma arte difícil. Ele gostava muito de ler, por isso escolheu esses nomes para nós: Amleto, Telésforo, Ariosto... penso que ele tirou da literatura. Aqui no asilo não tem ninguém com esse nome de Ariosto, sou o único. Pode dizer que sou o Ariosto de *Orlando furioso*.

A Avenida Paulista era bonita, calçamento de paralelepípedos, palacetes. As outras ruas eram semi-calçadas, cobertas de árvores, de mata. De noite, os "lampioneiros" vinham acender os lampiões e de madrugada voltavam para apagar. Minha rua tinha poucas casas, uma aqui, outra a quinhentos metros. Naquela época faziam casas bem grandes, pé-direito alto, a nossa tinha quintal com pé de laranja, mexerica, ameixa e abacate. Minha mãe gostava muito de flores e plantava rosas, margaridas, violetas. Todo dia de manhã cedo ia regar as flores com seu regadorzinho. E eu ia atrás dela.

A mamãe levantava cedinho e acendia o fogão a lenha, depois vinha acordar a gente: "— Vamos meus filhos, vamos tomar café!" Mamãe era muito boazinha. Ela servia tijelas grandes, punha o pão, jogava o leite e o café e fazia uma papinha.